



***HIPARCO ATRIBUÍDO A PLATÃO
E A NATUREZA DA TIRANIA***

***JOSÉ A. COLEN
Universidade do Minho***

Hiparco é um dos poucos diálogos atribuídos a Platão que não tem data dramática: não sabemos em que momento da história de Atenas, nem em que local se desenrola. Os únicos outros casos são: *Minos*, *Rivais* e *Filebo*.¹ Sabemos apenas que decorre durante a vida de Sócrates e vemos-lo dedicado a examinar as opiniões dos seus concidadãos. Em todos estes textos, os seus interlocutores parecem jovens atenienses de boas famílias. A falta de detalhes na encenação histórica levou alguns estudiosos a questionar a sua autoria,² mas em vez de nos determos em problemas provavelmente insolúveis, parece preferível limitar-nos a examinar a razão porque a Academia juntou este – e os outros textos análogos – ao corpus platónico. Dentre estes textos, o Hiparco apresenta especial analogia com o Minos, pois são os únicos diálogos que começam abruptamente com a usual pergunta socrática: "o que é ... X?". No Minos Sócrates pergunta ao companheiro: "o que é [para nós] a lei?". No *Hiparco* pergunta "o que é o amor do lucro, quem são os apaixonados pelo lucro".³ Além disso, ambos os textos aparecem no corpus encabeçados por nomes de antigos tiranos, o que não parece coincidência. À primeira vista, porém, a explicação é simples: como em ambos os textos os interlocutores de Sócrates permanecem anónimos e a maioria dos outros diálogos recebe como título o nome do principal interlocutor de Sócrates, na impossibilidade de fazer o mesmo, Minos e Hiparco foram intitulados com recurso ao nome de um personagem ilustre que é referido na conversa. Existe, todavia, uma ligação temática entre as questões tratadas na conversa e a tirania.⁴

A tirania na época arcaica não tinha ainda a conotação negativa posterior, mas esta é já clara nos séculos de Sófocles e Platão. A tirania aparece em *A República* associada à paixão: a paixão é um tirano poderoso, o mais forte dos desejos vis (*Rep.* 403 a; 439d); o Tirano não hesita perante a lei (*Rep.* 344 a). A

NOTA BIOGRÁFICA - José Colen é doutorado em Ciência Política, académico convidado na Universidade de Princeton (EUA) e investigador associado ao CEH da Universidade do Minho (Braga). Este trabalho foi preparado num semestre na Universidade de Navarra (Espanha). Samuel Wigutow é doutorando em The Catholic University of America (Washington DC). A revisão esteve a cargo de Pedro Góis Moreira doutorando na Universidade Católica Portuguesa.). Os autores beneficiaram de bolsas da Fundação da Ciência e Tecnologia para a realização deste trabalho.

¹ Zuckert 2009, p. 25.

² Souilhé in *Platon* 1930, um ponto da situação recente em Dillon 2012.

³ Davis 2006, 547 e ss. nota que são três e não só uma pergunta. Ver também Davis 2011.

⁴ Bruell, 1999.

paixão do tirano aprisiona num mundo de ambiciosos sonhos desregrados ou sem lei (*Rep.* 576b). Enfim, o tirano está acima da lei e é eros encarnado.

Por outro lado, paradoxalmente, eros caracteriza o apaixonado do saber ou filósofo. (*Rep.* 485 a-b; 490b). Os muitos desejos do tirano apresentam-se por contraste com o verdadeiro ou filosófico eros (490c). Sócrates apresenta-se ele mesmo como um perito em amor eroticos (*Banquete*, 1777d-e; *Téages*, 128b; *Lísis* 204c).

A relação entre a temática da conversa e a tirania é a seguinte: ambos os diálogos com nomes de tiranos encenam o modo como Sócrates desafia as convenções e busca a base da ética tradicional e, em certo momento, apresentam uma versão revisionista de figuras famosas da história de Atenas. Em *Hiparco* Sócrates conversa com um companheiro ateniense que defende que o amor do lucro⁵ merece censura; questiona o jovem, forçando-o a rever os seus princípios e, finalmente, deixa-o perplexo. A referência a Hiparco surge como por acaso no meio do diálogo. Hiparco era filho do tirano Pisístrato, mas Sócrates defende que a tirania de Hiparco era na verdade benigna e sábia; que este tentou educar os seus concidadãos levando-os a admirar a sua superior sabedoria. O longo louvor de Hiparco é, todavia, venenoso: a suposta reabilitação reforça no leitor a impressão negativa. Apesar disso, ao ver como são questionados os princípios mais enraizados, ninguém se surpreende de que Sócrates tenha sido condenado por corromper os jovens ao incentivar o desrespeito das tradições morais da cidade. Os textos transmitem, portanto, a visão "popular" de Sócrates, que levaria finalmente à sua condenação.

Em *Hiparco*, com efeito, Sócrates tenta convencer um jovem "moralista" – talvez ultrajado por algum logro sofrido – de que os apaixonados pelo lucro podem não ser tão desprezíveis como se diz vulgarmente: se o lucro é um "ganho" e ganhar é bom, talvez afinal o amante do lucro (e mesmo o tirano sem escrúpulos) seja afinal como todos os homens, uma pessoa que busca o seu bem. O diálogo joga ambigualmente com as palavras "lucro" e "benefício" para apresentar um problema ético clássico: quando se fala do amor do lucro pensamos em dinheiro ou no que este pode comprar. Este é o sentido comum da expressão grega. O interlocutor de Sócrates supõe que amor do lucro ou do dinheiro é elevado como fim em si mesmo e colocado acima de tudo, sem restrições, ou seja, desrespeitando a contenção e os limites que definem as pessoas decentes. Mas a dificuldade do jovem companheiro em defender a sua opinião

⁵ *Philokertes*, a palavra grega é rara fora do contexto platónico. Davis 2006, 548, nota 3, elenca as referências conhecidas: além de menções isoladas de Flávio Josefo e poucos mais, a palavra aparece apenas em Aristófanes, *Pluto* e em três obras de Xenofonte. Mesmo em Platão, além das referências no *Hiparco* (225a1, 225a2, 225a7, 225b2, 225b4, 225b8, 225c2, 226d2, 226d6, 226d8, 226e2, 226e10, 227b1, 227b3, 227c7, 227c8, 227d1, 232c5, 232c7) a palavra reaparece só na *República* (581a7, 581c4, 582a9, 582b3, 582b7, 582d8, 582e1, 583a10, 586d5), e uma única vez nas *Leis* (649d5). Davis toma uma posição diferente e prefere uma tradução simbólica e menos literal contra Bloom 1987. Mas o jogo de palavras cómico perde o sentido se a palavra não for tomada no sentido literal. Na tradução usamos sistematicamente o sentido literal, como aliás Liddell e Scott sugerem.

contra a argumentação de Sócrates é esta: as pessoas decentes devem abster-se de buscar a qualquer custo coisas que são em si mesmo boas. Ninguém deseja o que não é bom para si, o que é benéfico, pelo que ao renunciar a elas sofrem com essa restrição e por conseguinte intimamente pensam no dano sofrido com renúncia a esses bens.

A conversa volta-se assim para o facto de todas as pessoas decentes amarem o bem como o entendem e, de um modo que parece irrefutável, Sócrates deixa ao seu jovem interlocutor três alternativas exclusivas: ou nenhum homem tem amor ao lucro, ou todos têm, ou só alguns. A ambiguidade verbal nunca é esclarecida. A argumentação de Sócrates nunca aparece como um inquérito ético, mas como um problema lógico. O diálogo tem cinco secções, bem demarcadas: na primeira tentativa de responder à questão o que é o lucro ou quem são os amantes do lucro, Sócrates leva o jovem à conclusão de que ninguém ama o lucro (225 a-226c); na segunda tenta levá-lo à conclusão de que, uma vez que todos amam o que consideram bem, todos são amantes do lucro (226d-228 a). Na resposta à perplexidade aporia ou que resulta da conjugação destas duas secções, Sócrates acusa o seu interlocutor de logro—logro análogo ao dos negociantes que fazem lucro convertendo o que não tem valor em ganho—o que provoca idêntica acusação do seu interlocutor. A essa acusação, Sócrates responde com a terceira secção, a longa digressão sobre Hiparco de que o diálogo retira o título (228-229d). No fim desse encómio de Hiparco, Sócrates busca continuar o argumento oferecendo-se para deixar o companheiro recuar em várias das premissas que levaram à aporia. O companheiro opta por recuar na afirmação de que o lucro é sempre bom, mas Sócrates volta a contra-argumentar (229d-232 a) e, por fim, na secção final (232 a-232c), Sócrates faz uma recapitulação e conclui - num ataque *ad hominem* - que se todos são amantes do lucro, também o é o jovem ateniense com quem fala. A Academia pós-platónica pode ter conservado o diálogo como exemplo típico do inquérito que levaria à injusta condenação de Sócrates, enfim, como um monumento a Sócrates.⁶

Tal explicação não parece dar conta de todo o conteúdo do diálogo. Vamos limitar-nos no restante desta nota introdutória somente a focar a história da tirania de Hiparco,⁷ tal como aparece no diálogo. Quando o companheiro responde que é Sócrates que o engana, manipulando os seus argumentos, Sócrates mostra-se escandalizado numa linguagem que sugere sacrilégio: tal sacrilégio consiste em não obedecer a um deus ou homem sábio, que é afinal Hiparco. Sócrates embarca numa reabilitação de um dos mais vilipendiados personagens da história de Atenas, apresentado como alguém que sempre amou o "lucro", como o entendia. Sócrates visa mostrar que para entender o que faz correr os amantes do lucro é necessário ter em conta que o lucro lhes aparece como o bem para si. Para isso serve-se do expediente de

⁶ Nails and Thesleff 2003, bem como Brisson especulam sobre o papel da Academia na conservação dos escritos platónicos.

⁷ Fornara 1968 é ainda o melhor ponto da situação.

mostrar o tirano como um bom e sábio homem (228b), que ao contrário do que afirma Tucídides seria o filho mais velho de Pisístrato.⁸ Descreve, pois, a bondade do tirano, que chama rapsodos para recitar regularmente Homero em Atenas, se torna patrono dos poetas Anacreonte e Simónides, em suma, tentar mostrar que o benigno tirano não busca mais que tornar tudo amável e bom. Busca como Kalos te k'agathos — homem nobre e bom — educar os seus concidadãos, ainda que confessadamente para facilitar o seu governo. Mais: espalha a sua generosidade pelo campo, inscrevendo aforismos de seu metro na base das estátuas de Hermes que existiam nas estradas que levam a Atenas. O tirano quer reformar o mundo e chama aos atenienses os "seus" cidadãos (228e). Sócrates reabilita-o, portanto, mas o Hiparco reabilitado é um tirano e, no fim de contas, um tonto (anoétos) que (cfr. 228d-229b) escreve vulgaridades para obter a imortalidade ("Este é o memorial de Hiparco"): "caminha pensando em coisas justas", "não enganes o amigo", substituindo-as aos famosos ditos atribuídos ao deus de Delfos — "conhece-te a ti mesmo" e "nada em excesso".

Hiparco não consegue a imortalidade: Sócrates junta logo a história do seu assassinato. Na versão corrente, Hiparco é um tirano que despreza a irmã de Harmódio, e o seu apaixonado e mentor Aristogíton, mata-o num ato de tiranicídio celebrado na memória da democracia ateniense. Tucídides já tinha apresentada uma versão revista da história relatada por Heródoto⁹ afirmando que é Hípias (e não Hiparco) o filho mais velho de Pisístrato e o verdadeiro tirano — acrescentando maliciosamente que Harmódio teria recusado duas vezes os seus avanços eróticos (Tucídides 6.2.4.3). Platão altera no diálogo mais uma vez a história do assassinato que Tucídides já alterara.

O Sócrates do diálogo platónico, porém, não fala como Tucídides da húbriis da conquista siciliana, nem refere que Alcibíades é suspeito de mutilar os Hermes nas estradas de Atenas depois do ataque à Sicília (Tucídides, 6.27). Hiparco morre sem glória porque rapta um dos protegidos de Harmódio — cujo nome Sócrates não recorda — e o seu mentor Aristogíton assassina o tirano. O rapaz era nobre e bem-nascido, mas depois de estar com Hiparco, tão impressionado com a sabedoria deste, abandona o seu convívio. Mas o verdadeiro motivo do tiranicídio é a inveja de Hiparco, não a reputação da irmã, nem o amor do jovem. A paixão de Hiparco é politizada: quer ser amado por todos, ser a medida do bem, mas acaba vítima do solipsismo que está na natureza da própria tirania. É uma história de ambição, amor erótico e inveja.

Dada a celebridade das narrativas populares, demonstrada na estatuária,¹⁰ que a seu modo Heródoto e Tucídides relatam ou corrigem, sem nenhum traço da sóbria racionalização política que

⁸ Tucídides 6.2.4.3 e 6.27.

⁹ Herodutus, vol 1.20 e 6.54-59.

¹⁰ Monoson 2000, pp. 43-46.

Aristóteles atribui ao evento,¹¹ o leitor deste diálogo não pode deixar de suprimir um sorriso. Resta dizer que humor, às vezes quase aristofânico, é uma das características definidoras dos diálogos platônicos: no início do Cármenes (153c) quando um jovem rapaz entra no quarto, belo, meio nu, e se aproxima, todos fazem por lhe dar lugar no banco onde estão sentados, empurrando-se entre si, de tal modo que um daqueles que estão nos extremos cai no chão. No Teeteto (171d) quando Sócrates convoca o falecido Protágoras (171d), o morto emerge da terra, mas só até ao pescoço e a conversa prossegue com esta cabeça sobressaindo do chão. Os exemplos multiplicam-se facilmente. Vlastos sublinhou que a ironia de que Sócrates é acusado não tinha o significado actual, sendo o antigo sentido algo como dissimulação e propondo a noção de "ironia complexa". Mas Platão está certamente entre os responsáveis por esta transformação no sentido da palavra: os diálogos estão percorridos pelo género de humor que muitas vezes se chama irónico. Segundo Roochnik, o humor platónico visa mostrar que a filosofia é precária e parcial¹²: os assuntos humanos não são demasiado sérios (*Leis* 803b). A filosofia de Sócrates tem certa analogia com a comédia. Certo é que, com humor, o texto atribuído a Platão apresenta um penetrante retrato da tirania, cuja natureza se define pelo desejo e pela ilusão que os tiranos têm de ser amados pelos "seus" cidadãos — facilmente reconhecível na linha do Livro IX de *A República* — o que parece motivo de sobejo para a sua inclusão no *corpus* platónico.

Referências:

- ARISTÓTELES (1970). *Constitution of Athens and Related Texts*, New York: Hafner Press.
- BLOOM, Allan (1987). "On the Hipparchus," in: Pangle, Thomas (Ed), *The Roots of Political Philosophy*, Ithaca: Cornell.
- BRUELL, Christopher. (1999). *On the Socratic Education: An Introduction to the Shorter Platonic Dialogues*, Lanham: Rowman and Littlefield.
- DAVIS, Michael (2011). *The Soul of the Greeks. An inquiry*. Chicago: The University of Chicago Press.
- DAVIS, Michael (2006). "Making Something from Nothing: On Plato's 'Hipparchus,'" *The Review of Politics*, Vol. 68, No. 4 (Fall), pp. 547-563.
- DILLON, John (2012), "Dubia and Spuria", in Press, Gerald *et alii* (Ed.). *The Continuum Companion to Plato*, London - New York, pp. 49-50.
- FORNARA, Charles W. (1968). "The 'Tradition' about the Murder of Hipparchus," *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Vol. 17, No. 4 (Oct.), pp. 400-424.

¹¹ Ver as notas de Newman 2010 à *Política* de Aristóteles e a edição da *Constituição de Atenas*.

¹² Roochnik 2012, pp. 108-109.

- HERODOTUS (2008). *The Histories*, Oxford: Oxford University Press.
- LIDDELL, Henry e Scott, Robert (1843). *A Greek-English Lexicon*, Oxford: Oxford University Press.
- NAILS, Debra and Thesleff, Holger (2003). "Early academic editing: Plato's Laws" in: Smauel Scolnicov and Luc Brisson (ed). *Plato's Laws: From Theory to Practice*, SouthBend: St Augustin Press, pp. 14-29.
- NEWMAN, W. L. (2010). *The Politics of Aristotle*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MONOSON, S. Sara (2000). "The Allure of Harmodius and Aristogeiton," in: Hubbard Thomas K. (Ed.), *Greek Love Reconsidered*, New York: W. Hamilton Press.
- ROOCHNIK, David (2012). "Humour" in: Gerald Press, *The Continuum Companion to Plato*, London - New York, pp. 108-109.
- PLATON (1930). *Oeuvres complètes* (Ed. Joseph Souilhé). Paris: Les Belles Lettres, 1930.
- TUCIDIDES (1988). *Historiae*, Oxford: Oxford Classical Texts.
- ZUCKERT, Catherine H. (2009). *Plato's Philosophers: The Coherence of the Dialogues*, Chicago: The University of Chicago Press.



Por decisão pessoal, o autor do texto não escreve segundo o projecto do chamado Acordo Ortográfico.

Ἴππαρχος ἢ φιλοκερδής, ἠθικός¹³

[225a] Σωκράτης - τί γὰρ τὸ φιλοκερδές; τί ποτέ ἐστιν, καὶ τίνες οἱ φιλοκερδεῖς;

Ἐταῖρος - ἐμοὶ μὲν δοκοῦσιν οἷ ἂν κερδαίνειν ἀξιῶσιν ἀπὸ τῶν μηδενὸς ἀξίων.

Σωκράτης - πότερον οὖν σοὶ δοκοῦσιν γινώσκοντες ὅτι οὐδενὸς ἐστὶν ἄξια, ἢ ἀγνοοῦντες; εἰ γὰρ ἀγνοοῦντες, ἀνοήτους λέγεις τοὺς φιλοκερδεῖς.

Ἐταῖρος - ἀλλ' οὐκ ἀνοήτους λέγω, ἀλλὰ πανούργους καὶ [225b] πονηροὺς καὶ ἥττους τοῦ κέρδους, γινώσκοντας ὅτι οὐδενὸς ἄξιά ἐστιν ἀφ' ὧν τολμῶσι κερδαίνειν, ὅμως τολμᾶν φιλοκερδεῖν δι' ἀναισχυντίαν.

Σωκράτης - ἄρ' οὖν τοιόνδε λέγεις τὸν φιλοκερδῆ, οἷον ἐὰν φυτεύων γεωργὸς ἀνὴρ καὶ γινώσκων ὅτι οὐδενὸς ἄξιον τὸ φυτόν, ἀξιοῖ ἀπὸ τούτου ἐκτραφέντος κερδαίνειν; ἄρα τοιοῦτον αὐτὸν λέγεις;

Ἐταῖρος - ἀπὸ παντὸς ὃ γε φιλοκερδής, ὃ Σώκρατες, οἶεται δεῖν κερδαίνειν.

Σωκράτης - μή μοι οὕτως εἰκῆ, ὥσπερ τι ἡδίκημένος ὑπὸ τίνος, [225c] ἀλλὰ προσέχων ἐμοὶ τὸν νοῦν ἀπόκριναί, ὥσπερ ἂν εἰ ἐξ ἀρχῆς πάλιν ἠρώτων· οὐχὶ ὁμολογεῖς τὸν φιλοκερδῆ ἐπιστήμονα εἶναι περὶ τῆς ἀξίας τούτου ὅθεν κερδαίνειν ἀξιοῖ;

Ἐταῖρος - ἔγωγε.

Σωκράτης - τίς οὖν ἐπιστήμων περὶ φυτῶν τῆς ἀξίας, ἐν ὁποῖα ἄξια φυτευθῆναι καὶ ὥρα καὶ χώρα; ἵνα τι καὶ ἡμεῖς τῶν σοφῶν ρημάτων ἐμβάλωμεν, ὧν οἱ δεξιοὶ περὶ τὰς δίκας καλλιεποῦνται.

[225d] Ἐταῖρος - ἐγὼ μὲν οἶμαι γεωργόν.

Σωκράτης - τὸ οὖν ἀξιοῦν κερδαίνειν ἄλλο τι λέγεις ἢ οἶεσθαι δεῖν κερδαίνειν;

Ἐταῖρος - τοῦτο λέγω.

Σωκράτης - μή τοίνυν με ἐπιχείρει ἐξαπατᾶν, ἄνδρα πρεσβύτερον [226a] ἤδη οὕτω νέος ὢν, ἀποκρινόμενος ὥσπερ νυνδὴ ἃ οὐδ' αὐτὸς οἶει, ἀλλ' ὡς ἀληθῶς εἶπέ· ἄρ' ἐστὶν ὄντινα οἶει γεωργικὸν ἄνδρα γινόμενον, καὶ γινώσκοντα ὅτι οὐδενὸς ἄξιον φυτεύει τὸ φυτόν, οἶεσθαι ἀπὸ τούτου κερδαίνειν;

¹³ Texto do grego utilizado é a versão clássica: Platão, *Platonis Opera*, John Burnet (Ed.), Oxford: Oxford University Press, 1903.

Ἐταῖρος - μὰ Δί' οὐκ ἔγωγε.

Σωκράτης - τί δέ; ἵππικόν ἄνδρα γινώσκοντα ὅτι οὐδενὸς ἄξια σιτία τῷ ἵππῳ παρέχει, ἀγνοεῖν αὐτὸν οἶει ὅτι τὸν ἵππον διαφθείρει;

Ἐταῖρος - οὐκ ἔγωγε.

[226b] Σωκράτης - οὐκ ἄρα οἶεταί γε ἀπὸ τούτων κερδαίνειν τῶν σιτίων τῶν μηδενὸς ἀξίων.

Ἐταῖρος - οὐχί.

Σωκράτης - τί δέ; κυβερνήτην μηδενὸς ἄξια ἰστία καὶ πηδάλια τῇ νηὶ παρεσκευασμένον ἀγνοεῖν οἶει ὅτι ζημιωθήσεται καὶ κινδυνεύσει καὶ αὐτὸς ἀπολέσθαι καὶ τὴν ναῦν ἀπολέσαι καὶ ἃ ἂν ἄγη πάντα;

Ἐταῖρος - οὐκ ἔγωγε.

Σωκράτης - οὐκ ἄρα οἶεταί γε κερδαίνειν ἀπὸ τῶν σκευῶν τῶν [226c] μηδενὸς ἀξίων.

Ἐταῖρος - οὐ γάρ.

Σωκράτης - ἀλλὰ στρατηγὸς γινώσκων ὅτι ἡ στρατιὰ αὐτῷ οὐδενὸς ἄξια ὄπλα ἔχει, οἶεταί ἀπὸ τούτων κερδαίνειν καὶ ἀξιοῖ κερδαίνειν;

[226d] Ἐταῖρος - οὐδαμῶς.

Σωκράτης - ἀλλ' αὐλητῆς αὐλοῦς οὐδενὸς ἀξίους ἔχων ἢ κιθαριστῆς λύραν ἢ τοξότης τόξον ἢ ἄλλος ὅστισοῦν συλλήβδην τῶν δημιουργῶν ἢ τῶν ἄλλων τῶν ἐμφρόνων ἀνδρῶν μηδενὸς ἄξια ὄργανα ἢ ἄλλην παρασκευὴν ἠντιναοῦν ἔχων ἀπὸ τούτων οἶεται κερδαίνειν;

Ἐταῖρος - οὐκ οὐ φαίνεται γε.

Σωκράτης - τίνας οὖν ποτε λέγεις τοὺς φιλοκερδεῖς; οὐ γάρ που τούτους γε οὐς διεληλύθαμεν, <ἀλλ'> οἵτινες γινώσκοντες τὰ οὐδενὸς ἄξια ἀπὸ τούτων οἴονται δεῖν κερδαίνειν· ἀλλ' οὕτω μὲν, ὧ̃ θαυμάσιε, ὡς σὺ λέγεις, οὐκ ἔστ' ἀνθρώπων οὐδεὶς φιλοκερδῆς.

Ἐταῖρος - ἀλλ' ἐγώ, ὧ̃ Σώκρατες, βούλομαι λέγειν τούτους φιλοκερδεῖς εἶναι, οἱ ἐκάστοτε ὑπὸ ἀπληστίας καὶ πάνυ [226e] σμικρὰ καὶ ὀλίγου ἄξια καὶ οὐδενὸς γλίχονται ὑπερφυῶς καὶ φιλοκερδοῦσιν.

Σωκράτης - οὐ δήπου, ὧ̃ βέλτιστε, γινώσκοντες ὅτι οὐδενὸς ἀξιά ἐστίν· τοῦτο μὲν γὰρ ἤδη ἡμᾶς αὐτοὺς τῷ λόγῳ ἐξηλέγξαμεν ὅτι ἀδύνατον.

Ἐταῖρος - ἔμοιγε δοκεῖ.

Σωκράτης - οὐκοῦν εἰ μὴ γινώσκοντες, δῆλον ὅτι ἀγνοοῦντες, οἰόμενοι δὲ τὰ οὐδενὸς ἄξια πολλοῦ ἄξια εἶναι.

Ἐταῖρος - φαίνεται.

Σωκράτης - ἄλλο τι οὖν οἷ γε φιλοκερδεῖς φιλοῦσι τὸ κέρδος;

Ἐταῖρος - ναί.

Σωκράτης - κέρδος δὲ λέγεις ἐναντίον τῆ ζημίας;

[227a] Ἐταῖρος - ἔγωγε.

Σωκράτης - ἔστιν οὖν ὅτῳ ἀγαθὸν ἐστὶ ζημιοῦσθαι;

Ἐταῖρος - οὐδενί.

Σωκράτης - ἀλλὰ κακόν;

Ἐταῖρος - ναί.

Σωκράτης - βλάπτονται ὑπὸ τῆς ζημίας ἄρα ἄνθρωποι.

Ἐταῖρος - βλάπτονται.

Σωκράτης - κακὸν ἄρα ἢ ζημία.

Ἐταῖρος - ναί.

Σωκράτης - ἐναντίον δὲ τῆ ζημίας τὸ κέρδος.

Ἐταῖρος - ἐναντίον.

Σωκράτης - ἀγαθὸν ἄρα τὸ κέρδος.

Ἐταῖρος - ναί.

[227b] Σωκράτης - τοὺς οὖν τὸ ἀγαθὸν φιλοῦντας φιλοκερδεῖς καλεῖς.

Ἐταῖρος - ἔοικεν.

Σωκράτης - οὐ μανικούς γε, ὦ ἑταῖρε, λέγεις τοὺς φιλοκερδεῖς. ἀλλὰ σὺ αὐτὸς πότερον φιλεῖς ὃ ἂν ἀγαθὸν ἦ, ἢ οὐ φιλεῖς;

Ἐταῖρος - ἔγωγε.

Σωκράτης - ἔστι δέ τι ἀγαθόν, ὃ οὐ φιλεῖς, ἀλλὰ κακόν;

Ἐταῖρος - μὰ Δί' οὐκ ἔγωγε.

Σωκράτης - ἀλλὰ πάντα τὰ ἀγαθὰ ἴσως φιλεῖς.

Ἐταῖρος - ναί.

Σωκράτης - ἐροῦ δὴ καὶ ἐμέ εἰ οὐ καὶ ἐγώ· ὁμολογήσω γὰρ καὶ [227c] ἐγώ σοι φιλεῖν τάγαθά. ἀλλὰ πρὸς ἐμοὶ καὶ σοὶ οἱ ἄλλοι ἄνθρωποι ἅπαντες οὐ δοκοῦσί σοι τάγαθὰ φιλεῖν, τὰ δὲ κακὰ μισεῖν;

Ἐταῖρος - ἔμοιγε φαίνεται.

Σωκράτης - τὸ δὲ κέρδος ἀγαθὸν ὠμολογήσαμεν;

Ἐταῖρος - ναί.

Σωκράτης - πάντες αὖ φιλοκερδεῖς φαίνονται τοῦτον τὸν τρόπον· ὃν δὲ τὸ πρότερον ἐλέγομεν, οὐδεὶς ἦν φιλοκερδής. ποτέρω οὖν ἂν τις τῶ λόγῳ χρώμενος οὐκ ἂν ἐξαμαρτάνοι;

Ἐταῖρος - εἴ τις, ὃ Σώκρατες οἶμαι ὀρθῶς λαμβάνοι τὸν [227d] φιλοκερδῆ. ὀρθῶς δ' ἐστὶ τοῦτον ἠγεῖσθαι φιλοκερδῆ, ὃς ἂν σπουδάξῃ ἐπὶ τούτοις καὶ ἀξιοῖ κερδαίνειν ἀπ' αὐτῶν, ἀφ' ὧν οἱ χρηστοὶ οὐ τολμῶσι κερδαίνειν.

Σωκράτης - ἀλλ' ὀρᾶς, ὃ γλυκύτατε, τὸ κερδαίνειν ἄρτι ὠμολογήσαμεν εἶναι ὠφελεῖσθαι.

Ἐταῖρος - τί οὖν δὴ τοῦτο;

Σωκράτης - ὅτι καὶ τότε αὐτῶ προσωμολογήσαμεν, βούλεσθαι τὰ ἀγαθὰ πάντας καὶ ἀεὶ.

Ἐταῖρος - ναί.

Σωκράτης - οὐκοῦν καὶ οἱ ἀγαθοὶ πάντα τὰ κέρδη βούλονται ἔχειν, εἵπερ ἀγαθὰ γέ ἐστιν.

[227e] Ἐταῖρος - οὐκ ἀφ' ὧν γε μέλλουσιν, ὃ Σώκρατες, βλαβήσεσθαι τῶν κερδῶν.

Σωκράτης - βλαβήσεσθαι δὲ λέγεις ζημιώσεσθαι ἢ ἄλλο τι;

Ἐταῖρος - οὐκ, ἀλλὰ ζημιώσεσθαι λέγω.

Σωκράτης - ὑπὸ τοῦ κέρδους οὖν ζημιοῦνται ἢ ὑπὸ τῆς ζημίας ἄνθρωποι;

Ἐταῖρος - ὑπὸ ἀμφοτέρων· καὶ γὰρ ὑπὸ τῆς ζημίας ζημιοῦνται καὶ ὑπὸ τοῦ κέρδους τοῦ πονηροῦ.

Σωκράτης - ἢ δοκεῖ οὖν τί σοι χρηστὸν καὶ ἀγαθὸν πράγμα πονηρὸν εἶναι;

Ἐταῖρος - οὐκ ἔμοιγε.

[228a] Σωκράτης - οὐκοῦν ὠμολογήσαμεν ὀλίγον πρότερον τὸ κέρδος τῆς ζημίας κακῶ ὄντι ἐναντίον εἶναι;

Ἐταῖρος - φημί.

Σωκράτης - ἐναντίον δὲ ὄν κακῶ ἀγαθὸν εἶναι;

Ἐταῖρος - ὠμολογήσαμεν γάρ.

Σωκράτης - ὁρᾷς οὖν, ἐπιχειρεῖς με ἐξαπατᾶν, ἐπίτηδες ἐναντία λέγων οἷς ἄρτι ὠμολογήσαμεν.

Ἐταῖρος - οὐ μὰ Δία, ὦ Σώκρατες, ἀλλὰ τούναντίον σύ με ἐξαπατᾷς καὶ οὐκ οἶδα ὅπῃ ἐν τοῖς λόγοις ἄνω καὶ κάτω στρέφεις.

[228b] Σωκράτης - εὐφήμει· οὐ μεντᾶν καλῶς ποιοῖν οὐ πειθόμενος ἀνδρὶ ἀγαθῶ καὶ σοφῶ.

Ἐταῖρος - τίνοι τούτω; καὶ τί μάλιστα;

Σωκράτης - πολίτη μὲν ἐμῶ τε καὶ σῶ, Πεισιστράτου δὲ υἱὲ τοῦ ἐκ Φιλαϊδῶν, Ἰππάρχου, ὃς τῶν Πεισιστράτου παίδων ἦν πρεσβύτατος καὶ σοφώτατος, ὃς ἄλλα τε πολλὰ καὶ καλὰ ἔργα σοφίας ἀπεδείξατο, καὶ τὰ Ὀμήρου ἔπη πρῶτος ἐκόμισεν εἰς τὴν γῆν ταυτηνί, καὶ ἠνάγκασε τοὺς ῥαψωδοὺς Παναθηναίοις ἐξ ὑπολήψεως ἐφεξῆς αὐτὰ διέναι, ὥσπερ νῦν ἔτι

[228c] οἶδε ποιοῦσιν, καὶ ἐπ' Ἀνακρέοντα τὸν Τήιον πεντηκόντορον στείλας ἐκόμισεν εἰς τὴν πόλιν, Σιμωνίδην δὲ τὸν Κεῖον ἀεὶ περὶ αὐτὸν εἶχεν, μεγάλοις μισθοῖς καὶ δώροις πείθων· ταῦτα δ' ἐποίει βουλόμενος παιδεύειν τοὺς πολίτας, ἵν' ὡς βελτίστων ὄντων αὐτῶν ἄρχοι, οὐκ οἰόμενος δεῖν οὐδενὶ σοφίας φθονεῖν, ἅτε ὦν καλὸς τε κάγαθός. ἐπειδὴ δὲ αὐτῶ οἱ περὶ τὸ ἄστυ τῶν πολιτῶν πεπαιδευμένοι ἦσαν καὶ [228d] ἐθαύμαζον αὐτὸν ἐπὶ σοφίᾳ, ἐπιβουλεύων αὐτὸς τοὺς ἐν τοῖς ἀγροῖς παιδεῦσαι ἔστησεν αὐτοῖς Ἑρμᾶς κατὰ τὰς ὁδοὺς ἐν μέσῳ τοῦ ἄστεος καὶ τῶν δήμων ἐκάστων, κάπειτα τῆς σοφίας τῆς αὐτοῦ, ἦν τ' ἔμαθεν καὶ ἦν αὐτὸς ἐξηῦρεν, ἐκλεξάμενος ἃ ἠγεῖτο σοφώτατα εἶναι, ταῦτα αὐτὸς ἐντείνας εἰς ἐλεγείον αὐτοῦ ποιήματα καὶ ἐπιδείγματα τῆς σοφίας ἐπέγραψεν, [228e] ἵνα πρῶτον μὲν τὰ ἐν Δελφοῖς γράμματα τὰ σοφὰ ταῦτα μὴ θαυμάζοιεν οἱ πολῖται αὐτοῦ, τὸ τε γνῶθι σαυτὸν καὶ τὸ μηδὲν ἄγαν καὶ τᾶλλα τὰ τοιαῦτα, ἀλλὰ τὰ Ἰππάρχου ῥήματα μᾶλλον σοφὰ ἠγοῖντο, ἔπειτα παριόντες ἄνω καὶ κάτω καὶ ἀναγιγνώσκοντες καὶ γεῦμα λαμβάνοντες αὐτοῦ τῆς σοφίας φοιτῶν ἐκ τῶν ἀγρῶν καὶ ἐπὶ τὰ λοιπὰ παιδευθησόμενοι. ἐστὸν δὲ δύο τῶπιγράμματα· ἐν μὲν τοῖς [229a] ἐπ' ἀριστερὰ τοῦ Ἑρμοῦ ἐκάστου ἐπιγέγραπται λέγων ὁ Ἑρμῆς ὅτι ἐν μέσῳ τοῦ ἄστεος καὶ τοῦ δήμου ἔστηκεν, ἐν δὲ τοῖς ἐπὶ δεξιὰ— μνημα τόδ' Ἰππάρχου· στεῖχε δίκαια φρονῶν φησίν.

ἔστι δὲ τῶν ποιημάτων καὶ ἄλλα ἐν ἄλλοις Ἑρμαῖς πολλὰ καὶ καλὰ ἐπιγεγραμμένα· ἔστι δὲ δὴ καὶ τοῦτο ἐπὶ τῇ Στειριακῇ ὁδῷ, ἐν ᾧ λέγει— [229b] μνήμα τόδ' Ἰππάρχου· μὴ φίλον ἐξαπάτα.

ἐγὼ οὖν σὲ ἐμοὶ ὄντα φίλον οὐ δήπου τολμῶν ἂν ἐξαπατᾶν καὶ ἐκείνῳ τοιοῦτῳ ὄντι ἀπιστεῖν, οὗ καὶ ἀποθανόντος τρία ἔτη ἐτυραννεύθησαν Ἀθηναῖοι ὑπὸ τοῦ ἀδελφοῦ αὐτοῦ Ἰππίου, καὶ πάντων ἂν τῶν παλαιῶν ἤκουσας ὅτι ταῦτα μόνον τὰ ἔτη τυραννὶς ἐγένετο ἐν Ἀθήναις, τὸν δ' ἄλλον χρόνον ἐγγύς τι ἔζων Ἀθηναῖοι ὥσπερ ἐπὶ Κρόνου βασιλεύοντος.

λέγεται δὲ ὑπὸ τῶν χαριεστέρων ἀνθρώπων καὶ ὁ θάνατος αὐτοῦ [229c] γενέσθαι οὐ δι' ἃ οἱ πολλοὶ ᾤκηθησαν, διὰ τὴν τῆς ἀδελφῆς ἀτιμίαν τῆς κληρονομίας—ἐπεὶ τοῦτό γε εὖηθες—ἀλλὰ τὸν μὲν Ἀρμόδιον γεγενῆσθαι παιδικὰ τοῦ Ἀριστογείτονος καὶ πεπαιδευθῆσθαι ὑπ' ἐκείνου, μέγα δ' ἐφρόνει ἄρα καὶ ὁ Ἀριστογείτων ἐπὶ τῷ παιδεῦσαι ἄνθρωπον, καὶ ἀνταγωνιστὴν ἠγεῖτο εἶναι τὸν Ἰππαρχον. ἐν ἐκείνῳ δὲ τῷ χρόνῳ αὐτὸν τὸν [229d] Ἀρμόδιον τυγχάνειν ἐρῶντά τινος τῶν νέων τε καὶ καλῶν καὶ γενναίων τῶν τότε—καὶ λέγουσι τοῦνομα αὐτοῦ, ἐγὼ δὲ οὐ μέμνημαι—τὸν οὖν νεανίσκον τοῦτον τέως μὲν θαυμάζειν τὸν τε Ἀρμόδιον καὶ τὸν Ἀριστογείτονα ὡς σοφοὺς, ἔπειτα συγγενόμενον τῷ Ἰππάρχῳ καταφρονῆσαι ἐκείνων, καὶ τοὺς περιελθόντας ταύτῃ τῇ ἀτιμίᾳ οὕτως ἀποκτεῖναι τὸν Ἰππαρχον.

Ἐταῖρος - κινδυνεύεις τοίνυν, ὦ Σώκρατες, ἢ οὐ φίλον με ἠγεῖσθαι ἢ, εἰ ἡγήθην φίλον, οὐ πείθεσθαι Ἰππάρχῳ· ἐγὼ γὰρ [229e] ὅπως οὐ σὺ ἐμὲ ἐξαπατᾶς—οὐκ οἶδ' ὄντινα μέντοι τρόπον— ἐν τοῖς λόγοις, οὐ δύναμαι πεισθῆναι.

Σωκράτης - ἀλλὰ μὴν καὶ ὥσπερ πεττεύων ἐθέλω σοι ἐν τοῖς λόγοις ἀναθέσθαι ὅτι θούλει τῶν εἰρημένων, ἵνα μὴ οἷη ἐξαπατᾶσθαι. πότερον γὰρ τοῦτό σοι ἀναθῶμαι, ὡς οὐχὶ τῶν ἀγαθῶν πάντες ἐπιθυμοῦσιν ἄνθρωποι;

Ἐταῖρος - μή μοι γε.

Σωκράτης - ἀλλ' ὡς τὸ ζημιοῦσθαι καὶ ἡ ζημία οὐ κακόν;

Ἐταῖρος - μή μοι γε.

Σωκράτης - ἀλλ' ὡς οὐ τῇ ζημίᾳ καὶ τῷ ζημιοῦσθαι τὸ κέρδος καὶ τὸ κερδαίνειν ἐναντίον;

[230a] Ἐταῖρος - μηδὲ τοῦτο.

Σωκράτης - ἀλλ' ὡς ἐναντίον ὄν τῷ κακῷ οὐκ ἀγαθὸν ἐστὶ τὸ κερδαίνειν;

Ἐταῖρος - οὐτὶ πᾶν γε· τουτί μοι ἀνάθου.

Σωκράτης - δοκεῖ ἄρα σοι, ὡς ἔοικε, τοῦ κέρδους τὸ μὲν τι ἀγαθὸν εἶναι, τὸ δὲ τι κακόν.

Ἐταῖρος - ἔμοιγε.

Σωκράτης - ἀνατίθεμαι τοίνυν σοὶ τοῦτο· ἔστω γὰρ δὴ κέρδος τι ἀγαθὸν καὶ ἕτερον κέρδος τι κακόν· κέρδος δὲ γε οὐδὲν μᾶλλον ἐστὶν αὐτῶν τὸ ἀγαθὸν ἢ τὸ κακόν· ἦ γάρ;

Ἐταῖρος - πῶς με ἐρωτᾷς;

Σωκράτης - ἐγὼ φράσω. σιτίον ἐστὶν τι ἀγαθὸν τε καὶ κακόν;

[230b] Ἐταῖρος - ναί.

Σωκράτης - ἄρ' οὖν μᾶλλον τι αὐτῶν ἐστὶ τὸ ἕτερον τοῦ ἐτέρου σιτίον, ἢ ὁμοίως τοῦτό γε, σιτία, ἐστὸν ἀμφοτέρω καὶ ταύτῃ γε οὐδὲν διαφέρει τὸ ἕτερον τοῦ ἐτέρου, κατὰ τὸ σιτίον εἶναι, ἀλλὰ ἦ τὸ μὲν αὐτῶν ἀγαθόν, τὸ δὲ κακόν;

Ἐταῖρος - ναί.

Σωκράτης - οὐκοῦν καὶ ποτὸν καὶ τᾶλλα πάντα, ὅσα τῶν ὄντων ταῦτά ὄντα τὰ μὲν πέπονθεν ἀγαθὰ εἶναι, τὰ δὲ κακὰ, οὐδὲν ἐκείνη γε διαφέρει τὸ ἕτερον τοῦ ἐτέρου, ἦ τὸ [230c] - αὐτό ἐστίν; ὥσπερ ἄνθρωπος δήπου ὁ μὲν χρηστός ἐστίν, ὁ δὲ πονηρός.

Ἐταῖρος - ναί.

Σωκράτης - ἀλλ' ἄνθρωπός γε οἶμαι οὐδέτερος οὐδετέρου οὔτε μᾶλλον οὔτε ἥττον ἐστίν, οὔτε ὁ χρηστός τοῦ πονηροῦ οὔτε ὁ πονηρὸς τοῦ χρηστοῦ.

Ἐταῖρος - ἀληθῆ λέγεις.

Σωκράτης - οὐκοῦν οὕτω καὶ περὶ τοῦ κέρδους διανοώμεθα, ὡς κέρδος γε ὁμοίως ἐστὶ καὶ τὸ πονηρὸν καὶ τὸ χρηστόν;

Ἐταῖρος - ἀνάγκη.

Σωκράτης - οὐδὲν ἄρα μᾶλλον κερδαίνει ὁ τὸ χρηστόν κέρδος ἔχων ἢ τὸ πονηρὸν· οὐκ οὐκ μᾶλλον γε κέρδος φαίνεται [230d] οὐδέτερον ὄν, ὡς ὁμολογοῦμεν.

Ἐταῖρος - ναί.

Σωκράτης - οὐδετέρω γὰρ αὐτῶν οὔτε τὸ μᾶλλον οὔτε τὸ ἥττον πρόσεστιν.

Ἐταῖρος - οὐ γὰρ δὴ.

Σωκράτης - τῷ δὴ τοιοῦτῳ πράγματι πῶς ἂν τις μᾶλλον ἢ ἦττον ὀτιοῦν ἂν ποιοῖ ἢ πάσχοι, ὧς μηδέτερον τούτων προσείη;

Ἐταῖρος - ἀδύνατον.

Σωκράτης - ἐπειδὴ τοίνυν κέρδη μὲν ὁμοίως ἐστὶν ἀμφοτέρω καὶ κερδαλέα, τουτί δὴ δεῖ ἡμᾶς ἐπισκέψασθαι, διὰ τί ποτε ἀμφοτέρω αὐτὰ κέρδος καλεῖς, τί ταῦτόν ἐν ἀμφοτέροις ὀρών; [230e] ὥσπερ ἂν εἰ ἂ σύ με ἠρώτας τὰ νυνδὴ, διὰ τί ποτε καὶ τὸ ἀγαθὸν σιτίον καὶ τὸ κακὸν σιτίον ὁμοίως ἀμφοτέρω σιτία καλῶ, εἶπον ἂν σοι διότι ἀμφοτέρω ξηρὰ τροφή σώματός ἐστιν, διὰ τοῦτο ἔγωγε· τοῦτο γὰρ εἶναι σιτίον κἂν σύ που ἡμῖν ὁμολογοῖς. ἦ γάρ;

Ἐταῖρος - ἔγωγε.

Σωκράτης - καὶ περὶ ποτοῦ οὖν ὁ αὐτὸς ἂν τρόπος εἴη τῆς ἀποκρίσεως, ὅτι τῇ τοῦ σώματος ὑγρᾷ τροφῇ, ἐάντε χρηστὴ [231a] ἐάντε πονηρὰ ἦ, τοῦτο τὸ ὄνομα ἐστὶ, ποτόν· καὶ τοῖς ἄλλοις ὡσαύτως. πειρῶ οὖν καὶ σύ ἐμὲ μιμεῖσθαι οὕτως ἀποκρινόμενον. τὸ χρηστὸν κέρδος καὶ τὸ πονηρὸν κέρδος κέρδος φησὶ ἀμφοτέρον εἶναι τί τὸ αὐτὸ ἐν αὐτοῖς ὀρών, ὅτι δὴ καὶ τοῦτο κέρδος ἐστίν; εἰ δ' αὖ μὴ αὐτὸς ἔχεις ἀποκρίνασθαι, ἀλλ' ἐμοῦ λέγοντος σκόπει· ἄρα κέρδος λέγεις πᾶν κτήμα ὃ ἂν τις κτήσεται ἢ μηδὲν ἀναλώσας, ἢ ἔλαττον ἀναλώσας πλέον λάβη;

[231b] Ἐταῖρος - ἔμοιγε δοκῶ τοῦτο καλεῖν κέρδος.

Σωκράτης - ἄρα καὶ τὰ τοιάδε λέγεις, ἐάν τις ἐστιαθεῖς, μηδὲν ἀναλώσας ἀλλ' εὐωχηθεῖς, νόσον κτήσεται;

Ἐταῖρος - μὰ Δί' οὐκ ἔγωγε.

Σωκράτης - Ὑγίειαν δὲ κτησάμενος ἀπὸ ἐστίασεως κέρδος ἂν κτήσαιτο ἢ ζημίαν;

Ἐταῖρος - κέρδος.

Σωκράτης - οὐκ ἄρα τοῦτό γέ ἐστι κέρδος, τὸ ὀτιοῦν κτήμα κτήσασθαι.

Ἐταῖρος - οὐ μέντοι.

Σωκράτης - πότερον οὐκ, ἐάν κακόν; ἢ οὐδ' ἂν ἀγαθὸν ὀτιοῦν κτήσεται, οὐ κέρδος κτήσεται;

Ἐταῖρος - φαίνεται, ἐάν γε ἀγαθόν.

[231c] Σωκράτης - ἐάν δὲ κακόν, οὐ ζημίαν κτήσεται;

Ἐταῖρος - ἔμοιγε δοκεῖ.

Σωκράτης - ὀρθῶς οὖν ὡς πάλιν αὖ περιτρέχεις εἰς τὸ αὐτό; τὸ μὲν κέρδος ἀγαθὸν φαίνεται, ἡ δὲ ζημία κακόν.

Ἐταῖρος - ἀπορῶ ἔγωγε ὅτι εἶπω.

Σωκράτης - οὐκ ἀδίκως γε σὺ ἀπορῶν. ἔτι γὰρ καὶ τότε ἀπόκριται· ἐάν τις ἔλαττον ἀναλώσας πλέον κτήσεται, φῆς κέρδος εἶναι;

Ἐταῖρος - οὔτι κακόν γε λέγω, ἀλλ' ἐάν χρυσίον ἢ ἀργύριον ἔλαττον ἀναλώσας πλέον λάβῃ.

[231d] Σωκράτης - καὶ ἐγὼ μέλλω τοῦτο ἐρήσεσθαι. φέρε γάρ, ἐάν τις χρυσίου σταθμὸν ἤμισυν ἀναλώσας διπλάσιον λάβῃ ἀργυρίου, κέρδος ἢ ζημίαν εἴληφεν;

Ἐταῖρος - ζημίαν δήπου, ὦ Σώκρατες· ἀντὶ δωδεκαστασίου γὰρ διστάσιον αὐτῷ καθίσταται τὸ χρυσίον.

Σωκράτης - καὶ μὴν πλέον γ' εἴληφεν· ἢ οὐ πλέον ἐστὶ τὸ διπλάσιον τοῦ ἡμίσεος;

Ἐταῖρος - οὔτι τῆ ἀξία γε ἀργύριον χρυσίου.

Σωκράτης - δεῖ ἄρα, ὡς ἔοικε, τῷ κέρδει τοῦτο προσεῖναι, τὴν ἀξίαν. νῦν γοῦν τὸ μὲν ἀργύριον πλέον ὄν τοῦ χρυσίου οὐ φῆς ἄξιον εἶναι, τὸ δὲ χρυσίον ἔλαττον ὄν ἄξιον φῆς εἶναι.

[231e] Ἐταῖρος - σφόδρα· ἔχει γὰρ οὕτως.

Σωκράτης - τὸ μὲν ἄξιον ἄρα κερδαλέον ἐστίν, ἐάντε σμικρὸν ἢ ἐάντε μέγα, τὸ δὲ ἀνάξιον ἀκερδές.

Ἐταῖρος - ναί.

Σωκράτης - τὸ δὲ ἄξιον λέγεις ἄξιον εἶναι ἄλλο τι ἢ κεκτηῖσθαι;

Ἐταῖρος - ναί, κεκτηῖσθαι.

Σωκράτης - τὸ δὲ ἄξιον αὖ λέγεις κεκτηῖσθαι τὸ ἀνωφελές ἢ τὸ ὠφέλιμον;

Ἐταῖρος - τὸ ὠφέλιμον δήπου.

[232a] Σωκράτης - οὐκοῦν τὸ ὠφέλιμον ἀγαθόν ἐστιν;

Ἐταῖρος - ναί.

Σωκράτης - οὐκοῦν, ὦ ἀνδρειότατε πάντων, οὐ τὸ κερδαλέον ἀγαθὸν αὖ πάλιν τρίτον ἢ τέταρτον ἡκεῖ ἡμῖν ὁμολογούμενον;

Ἐταῖρος - ἔοικεν.

Σωκράτης - μνημονεύεις οὖν ὄθεν ἡμῖν οὗτος ὁ λόγος γέγονεν;

Ἐταῖρος - οἴμαι γε.

Σωκράτης - εἰ δὲ μή, ἐγὼ σε ὑπομνήσω. ἡμφεσβήτησάς μοι τοὺς ἀγαθοὺς μὴ πάντα τὰ κέρδη θούλεσθαι κερδαίνειν, ἀλλὰ τῶν κερδῶν τάγαθὰ, τὰ δὲ πονηρὰ μὴ.

Ἐταῖρος - ναίχι.

[232b] Σωκράτης - οὐκοῦν νῦν πάντα τὰ κέρδη ὁ λόγος ἡμᾶς ἠνάγκακε καὶ σμικρὰ καὶ μεγάλα ὁμολογεῖν ἀγαθὰ εἶναι;

Ἐταῖρος - ἠνάγκακε γάρ, ὦ Σώκρατες, μᾶλλον ἐμέ γε ἢ πέπεικεν.

Σωκράτης - ἀλλ' ἴσως μετὰ τοῦτο καὶ πείσειεν ἄν· νῦν δ' οὖν, εἴτε πέπεισαι εἴτε ὀπωσδὴ ἔχεις, σύμφησ γοῦν ἡμῖν πάντα τὰ κέρδη ἀγαθὰ εἶναι, καὶ σμικρὰ καὶ μεγάλα.

Ἐταῖρος - ὁμολογῶ γὰρ οὖν.

Σωκράτης - τοὺς δὲ χρηστοὺς ἀνθρώπους θούλεσθαι τάγαθὰ ὁμολογεῖς ἅπαντα ἅπαντας· ἢ οὐ;

Ἐταῖρος - ὁμολογῶ.

[232c] Σωκράτης - ἀλλὰ μὲν δὴ τοὺς γε πονηροὺς αὐτὸς εἶπες ὅτι καὶ σμικρὰ καὶ μεγάλα κέρδη φιλοῦσιν.

Ἐταῖρος - εἶπον.

Σωκράτης - οὐκοῦν κατὰ τὸν σὸν λόγον πάντες ἄνθρωποι φιλοκερδεῖς ἄν εἶεν, καὶ οἱ χρηστοὶ καὶ οἱ πονηροί.

Ἐταῖρος - φαίνεται.

Σωκράτης - οὐκ ἄρα ὀρθῶς ὀνειδίζει, εἴ τίς τῷ ὀνειδίζει φιλοκερδεῖ εἶναι· τυγχάνει γὰρ καὶ ὁ ταῦτα ὀνειδίζων αὐτὸς τοιοῦτος ὢν.

HIPARCO – TRADUÇÃO PORTUGUESA*

[225a] Sócrates - E o que é o amor do lucro? O que será, e quem são os amantes do lucro?

Companheiro - Na minha opinião, são aqueles que pensam que vale a pena tirar proveito de coisas sem valor.

Sócrates - Na tua opinião, eles sabem que essas coisas não têm valor, ou não o sabem? Porque se não sabem, então queres dizer que os amantes do lucro são tolos.

Companheiro - Não, não quero dizer que eles são tolos, mas canalhas [225b] que perversamente se entregam ao lucro, porque sabem que as coisas das quais ousam obter proveitos são sem valor, e, no entanto, eles atrevessem-se a amar o lucro sem vergonha alguma.

Sócrates - Então agora, queres designar como amante do lucro um homem que é como, por exemplo, um agricultor que planta algo que sabe ser uma erva sem valor, e que acha apropriado obter lucro dela, uma vez que cresceu? Será que este é a espécie de homem de que estás a falar?

Companheiro - O amante do lucro em si, Sócrates, acha que deve obter lucro de tudo.

Sócrates - Se faz favor, não fales de forma tão descuidada, como se tivesses sido lesado por alguém, [225c] mas dá-me a tua atenção e responde exatamente como o terias feito se eu começado a fazer as minhas perguntas novamente. Não admites que o amante do lucro tem conhecimento do valor da coisa da qual pensa obter lucro?

Companheiro - Admito.

Sócrates - Então, quem é que tem conhecimento do valor das plantas, e do tipo de estação e solo em que vale a pena serem plantadas - se podemos também lançar uma daquelas tiradas astuciosas¹⁴ que os oradores espertos usam para embelezar os seus discursos nos tribunais?

[225d] Companheiro – Pela minha parte, diria que é um agricultor.

Sócrates - E por "pensar que vale a pena obter lucro" queres dizer outra coisa que não "pensar que se deveria obter um lucro"?

Companheiro - Quero dizer isso.

Sócrates - Então não me tentes enganar, eu que agora uma pessoa bastante idosa, [226a] e tu tão jovem, ao dares, como fizeste agora, uma resposta que nem sequer corresponde ao teu próprio pensamento; mas diz-me com verdade: supões que qualquer homem que toma a agricultura e que sabia que estava a

¹⁴ "Frase astuciosa" é ὄρα καὶ χόρα, uma figura estilística típica da retórica ensinada por Górgias e os seus seguidores, de acordo com W. R. M. Lamb em nota ao texto de *Hiparco* da versão Loeb.

plantar era uma plantar sem valor, poderia pensar em obter lucro dela?

Companheiro – Pela minha palavra, não penso.

Sócrates - Ou imagina ainda, um cavaleiro que sabe que está a fornecer alimentos sem valor ao o seu cavalo; supões que ignora que está a destruir o seu cavalo?

Companheiro - Não.

[226b] Sócrates -Então, não pensa em obter lucro destes alimentos sem valor.

Companheiro - Não.

Sócrates - Ou imagina ainda, um navegador que forneceu o seu navio com mastros e cordas inúteis; achas que ignora que vai sofrer com isso, e vai estar em risco de se perder e de perder o navio e toda a sua carga?

Companheiro - Acho que não.

Sócrates - Então, não pensa em obter lucro com este [226c] equipamento sem valor?

Companheiro - Não.

Sócrates - Mas será que um general que sabe que o seu exército tem armas inúteis pensa em obter lucro, ou pensa que vale a pena ter lucro à sua custa?

Companheiro - De maneira nenhuma.

Sócrates - Ou será que um flautista que tem flautas sem valor, ou um harpista com a lira, um arqueiro com um arco ou, em suma, qualquer outra pessoa entre os artesãos ordinários ou homens sensatos em geral, com qualquer espécie de utensílio ou equipamento desprovido de valor, pensa em ter lucro com ele?

[226d] Companheiro - Ao que tudo indica, não.

Sócrates - Então quem poderão ser, os teus amantes do lucro? Pois presumo que não são as pessoas que sucessivamente mencionámos, mas pessoas que conhecem as coisas sem valor que têm, e, no entanto, pensam que devem lucrar com elas. Mas, nesse caso, pelo que me dizes, excelentíssimo senhor, nenhum homem vivo é um amante do lucro.

Companheiro - Bem, Sócrates, gostaria de designar como amantes do lucro aqueles que, com ganância insaciável, desejam excessivamente coisas que são bastante [226e] mesquinhas e de pouco ou nenhum valor, e, portanto, em cada caso amam o lucro.

Sócrates - Sem saber, é claro, meu excelente companheiro, que as coisas são inúteis; pois já nos convencemos com o nosso argumento de que tal é impossível.

Companheiro - Concordo.

Sócrates - E se, não o sabendo, é evidente que são disso ignorantes, mas acham que essas coisas inúteis

valem muito.

Companheiro - Aparentemente.

Sócrates - Agora, com certeza os amantes do lucro devem amar o lucro?

Companheiro - Sim.

Sócrates - E por lucro queres dizer o oposto de prejuízo?

[227a] Companheiro - Quero.

Sócrates - E é uma coisa boa para alguma pessoa sofrer perda?

Companheiro - Para ninguém é coisa boa.

Sócrates - Não é antes um mal?

Companheiro - Sim.

Sócrates - Então, os seres humanos são prejudicados pela perda.

Companheiro - São prejudicados.

Sócrates - Então, a perda é um mal.

Companheiro - Sim.

Sócrates - E o lucro é o oposto da perda.

Companheiro - É o oposto.

Sócrates - Mas então o lucro é um bem.

Companheiro - Sim.

[227b] Sócrates - Consequentemente, são aqueles que amam o bem que chamas de amantes do lucro.

Companheiro - Assim parece.

Sócrates - Pelo menos não há nada de louco, meu amigo, em relação aos amantes do lucro tal como os descreves. Mas diz-me, será que tu próprio amas, ou não amas, tudo o que é bom?

Companheiro - Amo.

Sócrates - E existe alguma coisa que ames que não seja boa, ou amas alguma coisa má?

Companheiro - Pela minha palavra, nada.

Sócrates - Na verdade, suponho que todas as coisas que amas são boas.

Companheiro - Sim.

Sócrates - Bem, agora, pergunta-me se não sou igualmente assim: porque devo concordar [227c] contigo que, pela minha parte, eu amo coisas boas. Mas, para além de tu e de mim, não achas que todo o resto da

humanidade ama as coisas boas, e odeia as coisas más?

Companheiro - A mim parece-me que sim.

Sócrates - E nós admitimos que o lucro é bom?

Companheiro - Sim.

Sócrates - Nesta nova demonstração, toda gente parece ser um amante do lucro; ao passo que, na nossa forma anterior de discussão, ninguém era um amante do lucro. Então, em qual dos dois argumentos devemos confiar a fim de evitar erro?

Companheiro - O que tem que ser feito, penso eu, Sócrates, é conhecer bem o amante do lucro. [227d] A visão certa do amante do lucro é a daquele que se preocupa com, e acha por bem obter lucro de coisas das quais os homens honestos não se atrevem a obter lucro.

Sócrates - Mas vês, meu caro senhor, nós acabámos de admitir que obter lucro é ser beneficiado.

Companheiro - Bem, e daí?

Sócrates - Há outro ponto que admitimos para além deste –que todos os homens desejam sempre coisas boas.

Companheiro - Sim.

Sócrates - Então, os homens de bem, do mesmo modo, desejam obter todos os lucros, se estes são coisas boas.

[227e] Companheiro - Não os lucros que podem provocar danos, Sócrates.

Sócrates - Por "provocar dano" será que queres dizer "sofrer perda", ou outra coisa?

Companheiro - Não, quero realmente dizer "sofrer perda".

Sócrates - Bem, será que os homens sofrem perdas do lucro ou da perda?

Companheiro- De ambos; pois sofrem a perda das perdas e dos lucros perversos.

Sócrates - E será que consideras que qualquer coisa útil e boa é perversa?

Companheiro - Não.

[228a] Sócrates - E admitimos há pouco que o lucro é o oposto de perda, que é um mal.

Companheiro - Concordo.

Sócrates - E que, sendo o oposto de um mal, é bom?

Companheiro - Isto foi o que reconhecemos.

Sócrates - Então vês, estás-me a tentar enganar, pois tu deliberadamente contradizes aquilo em que concordámos agora mesmo.

Companheiro - Não, por minha honra, Sócrates; pelo contrário, tu é que me estás a tentar enganar, ao distorceres desta maneira e ao conduzir-me á perplexidade pela maneira como falas.

[228b] Sócrates - Vá, vá! Porquê, se seria de certeza errado da minha parte não obedecer a uma pessoa boa e sábia.

Companheiro - Quem é? E a que te estás a referir agora?

Sócrates - Quero dizer, o teu e o meu concidadão Hiparco, o filho de Pisístrato dos Filíades, que era o mais velho e o mais sábio dos filhos de Pisístrato e, entre as nobres¹⁵ provas de sabedoria que ele mostrou, primeiro trouxe os poemas de Homero a este nosso país e obrigou os rapsodos nas Pan-Ateneias a recitá-los por turnos, um homem atrás do outro, como ainda o fazem agora.

[228c] Ele despachou também uma galera de cinquenta remos para Anacreonte de Teos, e trouxe-o para a nossa cidade. Sempre teve consigo Simónides de Ceos, que manteve graças a grandes honorários e presentes. Fez tudo isto partindo de um desejo de educar os cidadãos, a fim de que pudesse ter súbditos da mais elevada excelência; pois pensava que não era reto invejar a sabedoria de ninguém, tão nobre e bom era. E quando o seu povo da cidade foi educado e [228d] o admirava pela sua sabedoria, prosseguiu ainda no desígnio de educar os (homens) do campo, com o estabelecimento de figuras de Hermes ao longo das estradas, não só no meio da cidade como em todos os distritos; e, de seguida, seleccionando a partir do seu próprio tesouro de sabedoria, tanto o que aprendeu dos outros como o que descobriu por si mesmo, aquelas coisas que considerou as mais sábias, tornou-as em forma elegíaca e inscreveu-as nas figuras como versos seus e testemunhos de sua sabedoria, [228E] para que, em primeiro lugar, o seu povo deixasse de admirar as sábias inscrições Délficas como "Conhece te a ti mesmo" e "Nada em excesso", e outros provérbios deste tipo, mas antes considerasse sábias as declarações de Hiparco; e em segundo lugar, passando para cima e para baixo e lendo as suas palavras e adquirindo o gosto pela sua sabedoria, viessem do campo para a conclusão da sua educação. Há duas de tais inscrições: [229a] no lado esquerdo de cada Hermes há um verso em que o deus diz que se encontra no meio da cidade ou da localidade, enquanto que do lado direito diz: "O memorial de Hiparco: anda sempre com intenção justa".

Há muitas outras nobres¹⁶ inscrições dos seus poemas noutras figuras de Hermes, e em particular, na estrada de Steiria, em que ele diz: [229b] "O memorial de Hiparco: não enganes um amigo."

Consequentemente nunca deveria ousar, estou certo, enganar-te, pois és meu amigo, ou desobedeceria ao grande Hiparco, após cuja morte os atenienses ficaram três anos sob o domínio despótico de seu irmão Hípias, e podes ter ouvido alguém mais velho dizer que foi apenas nesses anos que houve tirania em

¹⁵ A palavra *kala* designa tanto a nobreza como a beleza (física e moral) segundo Henry Liddell e Robert Scott, *A Greek-English Lexicon*, Oxford: Oxford University Press, 1843. Dado jogo com a ambiguidade de sentidos indicamos a expressão grega quando usada.

¹⁶ Em grego, *kala*.

Atenas, e que em todos os outros tempos os atenienses viveram muito como no reinado de Cronos.

E as pessoas mais sofisticadas dizem que a morte de Hiparco [229c] se deveu, não pela causa suposta pela maioria - a desonra da irmã do assassino, impedida de levar a cesta,¹⁷ que é um motivo tonto - mas porque Harmódio se tinha tornado o favorito de Aristogítton e tinha sido educado por ele. Assim Aristogítton também se orgulhava de educar as pessoas e considerava Hiparco como um rival perigoso. E naquele tempo, diz-se, [229d] aconteceu que Harmódio estava apaixonado por um dos jovens formosos e bem-nascidos de então; eles dizem o seu nome, mas não me lembro. Bem, por um tempo este jovem admirou Harmódio e Aristogítton como homens sábios, mas, depois, quando se associou a Hiparco, passou a desprezá-los, e estavam tão dominados pela dor desta desonra que assassinaram Hiparco.

Companheiro - Parece, então, Sócrates, ou que não me consideras como teu amigo ou que, se o fazes, não obedeces a Hiparco. Pois [229e] não me estás a enganar com as tuas palavras - embora não te consigo dizer como o consegues – que vão além do que posso acreditar.

Sócrates - Bem, agora, como se estivéssemos a jogar xadrez, estou disposto a deixar-te revogar, como quiseres, qualquer coisa que tenhas dito ao longo desta discussão, a fim de que não penses que estás a ser enganado. Diz-me então, devo revogar a tua afirmação de que todos os homens desejam coisas boas?

Companheiro - Não, obrigado.

Sócrates - Bem, que sofrer perda, ou a perda, é um mal?

Companheiro - Não, obrigado.

Sócrates - Bem, que lucro, ou obter lucro, é o oposto de perda, ou é sofrer perdas?

[230a] Companheiro - Também não.

Sócrates - Bem, que obter lucro, como o oposto do mal, é um bem?

Companheiro - Nada disso te peço que revogues por mim.

Sócrates - Tu achas então, parece, que algum lucro é bom, e algum mau.

Companheiro - Acho.

Sócrates - Bem, então, eu revogo isso; vamos então assumir que algum lucro é bom, e outro lucro é mau.

Mas o de tipo bom não é um lucro maior do que o de tipo mau, pois não?

Companheiro - O que queres dizer com essa pergunta?

Sócrates - Vou explicar. Será que ambos bem e mal existem?

[230b] Companheiro - Sim.

Sócrates - E será que um é mais alimento do que o outro, ou será que ambos são de forma semelhante a

¹⁷ Era uma honra, levar uma cesta com as ofertas na procissão Pan-Atenaica que subia até à Acrópole.

mesma coisa, alimento, e a este respeito será que um não difere do outro, em ser-se alimento, mas apenas no facto de um ser bom e o outro mal?

Companheiro - Sim.

Sócrates - E assim, com a bebida e todas as outras classes de coisas que existem, quando algumas coisas em qualquer classe vêm a ser boas, e outras más, uma coisa não difere da outra nesse aspeto quando [230c] são o mesmo? Por exemplo, um homem, suponho, é bom¹⁸ e outro pervertido.

Companheiro - Sim.

Sócrates - Mas nenhum deles, eu concebo, é mais ou menos homem do que o outro - nem o bom¹⁹ mais que o pervertido, nem o pervertido mais que o bom.

Companheiro - O que dizes é verdade.

Sócrates - Consequentemente, devemos considerar do mesmo modo o lucro também, que tanto o tipo mau e o tipo bom são semelhantemente lucros?

Companheiro - Necessariamente.

Sócrates - Então, quem tem bom lucro não é mais um ganhador do que aquele que tem lucro perverso: nenhum dos dois tipos é considerado mais ganhador, [230d] como acordámos.

Companheiro - Sim.

Sócrates - Pois nenhum deles tem adição de mais ou menos.

Companheiro - Não, de facto.

Sócrates - E como é que se poderia fazer ou sofrer qualquer coisa mais ou menos com uma coisa desse tipo, não tendo nenhuma destas adições?

Companheiro - Impossível.

Sócrates - Uma vez que, portanto, ambos são lucros e negócios lucrativos, temos agora de considerar o que é que te leva a chamar a ambos "lucro": o que é que tu vês que é igual em ambos? [230e]. Supõem que me fosses pedir, nos casos que eu dei agora mesmo, o que é que me leva a chamar tanto o bom alimento como o alimento mau o igualmente alimento: eu deveria dizer – neste caso—que ambos são um sustento seco do corpo. É isso, tenho a certeza que concordas, que é o alimento, ou não concordas?

Companheiro - Concordo.

Sócrates - E sobre beber a resposta seria nas mesmas linhas - o sustento húmido do corpo, seja ele saudável [231a] ou pernicioso, tem o nome de bebida; e é da mesma forma com o resto. Tenta, portanto,

¹⁸ A palavra *chrestos* designa o homem bom ou útil, isto é, prestável segundo o dicionário de Henry Liddell e Robert Scott, *op. cit.* Indicamos em nota o uso da palavra.

¹⁹ Em grego: *chrestos*.

do teu lado, imitar o meu método de responder. Quando dizes que bom²⁰ lucro e lucro perverso são ambos lucros, o que é que tu vês neles como semelhante, julgando que isso é a realidade do lucro? E se, novamente, se tu próprio és incapaz de responder, deixa-me colocar-te isto em consideração: que descrevas como lucro todas as aquisições que alguém fez, ou com nenhuma despesa ou como um lucro acima da sua despesa.

[231b] Companheiro - Eu acredito que é o que eu chamo lucro.

Sócrates - E inclui o caso em que, depois de desfrutar de um banquete com muito bom ambiente e sem qualquer despesa, alguém adquire uma doença?

Companheiro – Pela minha palavra, não.

Sócrates - E se alguém adquiriu saúde ao assistir a um banquete, esse adquire lucro ou perda?

Companheiro - Lucro.

Sócrates - Por isso o lucro não é apenas adquirir qualquer posse.

Companheiro - Não, de facto.

Sócrates - Queres dizer, não se é mau? Ou não caso se adquiria algum lucro mesmo que se adquira algo de bom?

Companheiro - Aparentemente adquirir-se-á, se for bom.

[231c] Sócrates - E se for mau, não se adquirirá perda?

Companheiro - Eu acho que sim.

Sócrates - Vês, então, como estas a correr de volta novamente para o mesmo ponto anterior? Lucro é considerado ser bom, e perda mau.

Companheiro - Pela minha parte, eu não sei o que dizer.

Sócrates - E não sem boa razão, senhor. Agora responde a esta questão adicional: dizes que se alguém adquire mais do que a quantia que gastou, é lucro?

Companheiro - Não quero dizer, quando é mau, mas se alguém fica com mais ouro ou prata do que gastou.

[231d] Sócrates - Agora, vou somente interrogar-te sobre isso. Diz-me, se alguém gastar meia libra de ouro e recebe o dobro de peso em prata, ele obteve um lucro ou uma perda?

Companheiro - Perda, presumo, Sócrates, pois o ouro dessa pessoa é reduzido ao dobro, em vez de doze vezes, do valor de prata.

²⁰ *Idem: chreston.*

Sócrates - Mas vê, ele ficou com mais; ou será o dobro não mais de metade?

Companheiro - Não em valor, sendo que um é prata e o outro ouro.

Sócrates - Então o lucro, ao que parece, deve ter esta adição de valor. Pelo menos, tu agora dizes que a prata, embora mais do que o ouro, não vale tanto, e que o ouro, embora menos, é de igual valor.

[231e] Companheiro - Seguramente, pois esse é o caso.

Sócrates - Então, o valor é o que produz lucro, seja ele pequeno ou grande, e o inestimável não produz nenhum lucro.

Companheiro - Sim.

Sócrates - E por valioso, queres dizer, simplesmente, valioso de se possuir?

Companheiro - Sim, de se possuir.

Sócrates - E, novamente, através do quê é que é valioso para possuir, queres dizer do lucrativo ou do não lucrativo?

Companheiro - O lucrativo, presumo.

[232a] Sócrates - E o lucrativo é bom?

Companheiro - Sim.

Sócrates - E então, mais valente dos homens, será que não temos aqui mais uma vez, pela terceira ou quarta vez, a admissão de que o que produz lucro é bom?

Companheiro - Assim parece.

Sócrates - Então, será que te lembras o ponto a partir do qual esta nossa discussão surgiu?

Companheiro - Acho que me lembro.

Sócrates - No caso de não te lembrares, eu vou lembrar-te. Tu mantiveste contra mim que os homens bons não desejam fazer todos os tipos de lucro, mas apenas os lucros que são bons, e não aqueles que são pervertidos.

Companheiro - Sim.

[232b] Sócrates - E agora o argumento nos obrigou a reconhecer que todos os lucros, pequenos e grandes, são bons?

Companheiro - Sim, ele tem-me pelo menos forçado, Sócrates, mais do que convencer.

Sócrates - Bem, mais tarde talvez ele poderá também te persuadir. Agora, no entanto, que estejas convencido ou qualquer que seja a tua emoção, tu concordas pelo menos comigo de que todos os lucros são bons, tanto os pequenos como os grandes.

Companheiro - Sim, eu admito-o.

Sócrates - E tu admites que os homens bons²¹ desejam todas coisas boas, não admites?

Companheiro - Admito.

[232c] Sócrates - Mas, sabes, tu próprio afirmaste que homens perversos amam tanto os pequenos como os grandes lucros.

Companheiro - Afirmei.

Sócrates - E assim, pelo teu relato, todos os homens serão amantes do lucro, sejam eles virtuosos ou perversos.

Companheiro - Aparentemente.

Sócrates - Por isso, não é recto reprová-lo qualquer pessoa por ser um amante do lucro: pois quem faz essa reprovação é ele próprio um deles.

²¹ *Idem, chrestous.*

